

# CORAGEM DE SER

Relatos de homens, pais e homossexuais



VERA MORIS  
FÁBIO PARANHOS

*edições*  
**GLS**

*CORAGEM DE SER*

*Relatos de homens, pais e homossexuais*

Copyright © 2017 by Vera Moris e Fábio Paranhos  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Projeto gráfico: **Acqua Estúdio Gráfico**  
Capa e diagramação: **Santana**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Edições GLS**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.edgls.com.br>  
e-mail: [gls@edgls.com.br](mailto:gls@edgls.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# SUMÁRIO



Introdução .....	9
Relato de um ex-ignorante .....	15
<b>Depoimentos .....</b>	<b>19</b>
<b>O que os filhos acham? .....</b>	<b>109</b>
<b>Eles demoraram a contar porque não sabiam .....</b>	<b>121</b>
Bibliografia selecionada e sites úteis .....	133

# INTRODUÇÃO



Alguns homens, em determinado momento da vida, percebem que não são como queriam ser, como acreditavam ser, como viveram até então para ser.

Esses homens se casaram com mulheres por quem estavam apaixonados e com elas tiveram filhos. Viveram, entre o namoro e o casamento, uma vida muito satisfatória, verdadeira, de acordo com a realidade que acreditavam conhecer sobre si mesmos.

Para alguns deles, encontrar essa mulher por quem se apaixonam depois de uma infância e de uma adolescência problemáticas representa a chance de realizar o sonho de constituir uma família. Porém, a grande questão sobre sua identidade aparece mais tarde, quando constataam aquilo que não conseguem mais esconder: a inevitável atração – tanto sexual quanto afetiva – por pessoas do mesmo sexo.

Como agir diante dessa constatação? Que fazer com os sentimentos, com o grande peso de perceber que não pode mais enganar a si mesmo? Como não machucar as pessoas que ama – pais, amigos, parentes próximos e, sobretudo, a esposa e os filhos?

Este livro pretende mostrar a realidade de alguns desses homens. Muitos deles demoram a integrar aspectos de sua personalidade, a se reconhecer e se aceitar como indivíduos que se relacionam homoafetivamente. Para eles, é difícil identificar-se com termos que

consideram estereotipados – “homossexual”, “homoafetivo”, “gay” ou “bissexual”. Eles próprios se desqualificam como homens que gostam de outros homens.

Nos anos 1990, já psicoterapeuta estudiosa de relações familiares, ampliei minha atividade profissional para além do consultório, atuando em programas de atenção a famílias e comunidades carentes. O foco de meu mestrado foi compreender melhor o lugar dos homens naquelas famílias. Na época me surpreendi e derrubei preconceitos, pois, apesar de invisível num primeiro momento, o homem pobre e pai ocupa um lugar importante.

Compreender os homens e os pais continuou a ser o foco de meus estudos também no doutorado. Estimulada por minha amiga e orientadora Rosane Mantilla de Souza, referência em estudos sobre paternidade na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), escolhi pesquisar a parentalidade entre os homossexuais. Mesmo estando mais visível em termos sociais e legais, a área ainda carece de investigação e pesquisa no Brasil.

Embora eu tenha testemunhado movimentos em busca da igualdade de direitos, nos chamados anos libertários, pouco se falava de homossexualidade. Ainda que eu considere ter crescido num ambiente favorável à aceitação da diversidade de orientação sexual, lembro claramente que, quando me formei, “homossexualismo” era doença! Porém, estive sempre cercada de amigos gays, o que também me estimulou.

Mergulhei no fascinante ambiente dos pais homossexuais; conheci suas histórias de superação, de intensos conflitos para driblar o preconceito. Os 17 homens que participaram da pesquisa de doutorado, ávidos que estavam por sair de sua reclusão e conhecer outros como eles, fizeram florescer um grupo. Assim, em meados de

2007, começaram os encontros de pais do grupo Homopater. Por meio dele, já tivemos contato com mais de 200 pais, inclusive de outros países.

Embora – ainda que de forma sub-representada – estime-se que entre 15% e 20% da população mundial possa ser caracterizada como homossexual, distribuída quase igualmente entre homens e mulheres, não se tem o número exato de homossexuais que são pais. Em 2005, estudo sobre parentalidade LGBTI liderado pela dra. Rachel Epstein – coordenadora do LGBTQ Parenting Network da Universidade de Toronto – estimou que mais da metade dos pais homossexuais era composta de pais biológicos e não adotivos, como se poderia presumir antes de conhecer o assunto. Em minha experiência clínica atendi, ou tive contato com, ao longo dos últimos dez anos, mais de 240 pais homossexuais, sendo que apenas 28 deles eram pais por causa de adoção e, entre estes, a maioria era pai adotivo solteiro.

Corroborando minha experiência empírica, um estudo conduzido em 2013 por Gary Gates, do Williams Institute (Universidade da Califórnia), analisou múltiplas fontes, com base no Censo de 2010 dos Estados Unidos, para fornecer um retrato demográfico da paternidade homossexual naquele país. A análise estimou que 3 milhões de norte-americanos identificados como LGBTIs tiveram filhos e pelo menos 165 mil famílias homoafetivas criam cerca de 220 mil crianças com menos de 18 anos. Destas, apenas 25 mil são adotadas.

Infelizmente, não há estudos brasileiros que nos deem a exata porcentagem de quantos homens homossexuais são pais biológicos. Em 2010, pela primeira vez, o IBGE apontou, no Censo, 60 mil famílias que se identificaram como homoafetivas – número provavelmente subdimensionado, uma vez que o casamento de pessoas do mesmo sexo só se tornou oficial em 2013. Existem ainda

algumas dificuldades metodológicas para dimensionar o número de homens pais e homossexuais (biológicos ou adotivos) por meio do Censo. O termo “família homoafetiva”, por exemplo, pode não contemplar aquele pai, solteiro ou divorciado, que mora só, além dos LGBTIs que criam crianças com outros graus de parentesco, como netos, sobrinhos e enteados.

Outro ponto a ponderar na quantificação, que será mais bem compreendido adiante, ao conhecermos as histórias aqui relatadas, é que dificilmente os homens e pais de que tratamos neste livro se autodenominam gays, ou homossexuais, ou homoafetivos, sobretudo no começo de sua trajetória.

É verdade que a paternidade homossexual, pela adoção e pela reprodução assistida, vem crescendo paulatinamente, mas ainda representa um número pequeno nas famílias homoafetivas com filhos. Em sua dissertação de mestrado, o psicólogo e pesquisador Marcelo Fender (2016) afirma que, embora tenha havido um aumento significativo das adoções por pessoas LGBTI, os números ainda não são consistentes.

Sabemos que as questões associadas à paternidade homoafetiva biológica e à adotiva são bem diferentes, pois os pais biológicos enfrentam estressores relacionados ao divórcio e ao fato de assumir mais tardiamente sua orientação sexual – o que tem impacto significativo na dinâmica de sua família. Os homens cuja paternidade se deu por intermédio de um relacionamento heteroafetivo são o principal foco deste livro; suas histórias de vida, coragem e transformação precisam ser contadas.

Escrever um livro não acadêmico para pais sobre o trabalho que venho desenvolvendo tem sido um de meus maiores desafios como psicóloga e terapeuta. Encontrar a parceria do amigo Fábio Paranhos,

também pai, homossexual e veterano do nosso grupo, permitiu-me concretizar esta obra, que vem sendo gestada há anos.

Nossa proposta inicial é atingir homens que estão enfrentando essa situação sozinhos e sentem-se isolados e sem apoio. E mais tarde, se possível, ampliar a rede que o grupo Homopater oferece a outras famílias.

Aqui o leitor vai encontrar 15 histórias de vida – histórias de amor, de encontros e desencontros, de sofrimento e superação –, além de depoimentos de filhos desses homens tão corajosos. Os nomes dos entrevistados foram trocados a fim de preservar sobretudo seus filhos e familiares. Apenas um deles decidiu assumir-se integralmente e utilizou o próprio nome. A ordem na qual os depoimentos foram organizados tem a intenção de enfatizar contrapontos.

Por uma questão de espaço e de fluidez da leitura, alguns relatos foram editados. Procuramos sempre transmitir a essência de cada história, mantendo inclusive a linguagem de cada um – o que não foi tarefa fácil.

É interessante ressaltar que os protagonistas deste livro relataram que o ato de rever o próprio percurso e contar sua história foi percebido como libertador, algo forte e muito importante. Um dos participantes destaca que em seu processo de autoconhecimento e aceitação – quando se sentia no olho do furacão – passou um longo tempo procurando relatos que se aproximassem do que ele estava vivendo. Sua frustração vinha de se sentir extremamente sozinho nesse percurso. Segundo ele, relatar o que viveu com tanta intensidade de sentimentos provocou novas – e bem-vindas – mudanças em sua vida.

Tanto em pesquisas quanto no consultório, a grande pergunta surgida quando um pai se assume homossexual é: como ficam os filhos? Receia-se que as crianças e os jovens sofram, tornando-se al-

vos de estigma e preconceito, desenvolvendo problemas emocionais e apresentando crises de identidade. Teme-se ainda que se afastem do pai, envolvam-se com drogas ou façam más escolhas na vida. Mas será que isso se confirma?

Embora os pais que vivenciam relacionamentos homoafetivos sejam nosso público principal, jornalistas, juristas, pesquisadores, terapeutas e, sobretudo, famílias procuram-nos para entender melhor o assunto. Este livro busca atender a essa demanda.

Agradecemos a todos os pais colaboradores desta obra por ousarem compartilhar momentos preciosos da vida, levando alívio e esclarecimento a inúmeras pessoas.

Vera Moris

## RELATO DE UM EX-IGNORANTE



Os dicionários definem como ignorante aquele que ignora, não sabe, não tem instrução; enfim, uma pessoa estúpida e tola. Mas ignorante também pode ser o indivíduo que se recusa a querer saber, aquele que não tem interesse em aprender – em geral porque acha que já sabe tudo. Aristóteles dizia: “O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete”.

Quando se tratava de homens homossexuais que tiveram filhos em relacionamentos heterossexuais, posso dizer que eu era um ignorante aristotélico, porque afirmava algo que verdadeiramente não sabia.

Do alto da minha ignorância, eu dizia que esses homens eram homossexuais que não tiveram coragem de assumir sua orientação sexual e enfrentar a sociedade, que se casaram e usaram a esposa para ser aceitos e parecer “normais”. Homens que traíam as companheiras, se arriscavam, mentiam para si mesmos e para os outros.

Eu também dizia que muitos deles tiveram filhos pelo mesmo motivo, porque quase cometi o mesmo erro a fim de manter as aparências. Eu tinha certeza de que eram todos covardes e fracos, sem nuances nem meios-termos, e creio que muitos homossexuais devem compartilhar dessa certeza.

O azar da minha ignorância foi a Vera ter me convidado a participar da pesquisa que ela desenvolvia sobre homens homossexuais que

eram pais. O convite foi feito porque também sou um pai homossexual, mas por adoção. Sem mentir para ninguém, sem enganar uma mulher que me amava. Sem ser covarde e fraco.

Ao encontrar os primeiros homens nos grupos de discussão organizados pela Vera – que foram os embriões de uma prática de sucesso do Homopater –, um novo mundo se descortinou. Tive de sair da minha zona de conforto e exercitar a empatia para entender o mundo daqueles indivíduos.

Comecei a entender que não foram covardes, porque para muitos não faltava coragem, mas possibilidades.

Comecei a perceber que eles não enganaram as esposas, pois verdadeiramente achavam estar fazendo o certo. O que lhes faltava eram histórias de sucesso nas quais deveriam se espelhar.

Comecei a entender que muitos deles de fato não conseguiam se perceber homossexuais quando casaram. Faltava-lhes o amadurecimento necessário para aceitar e compreender seus desejos e sentimentos.

A ignorância foi se dissipando. De crítico de homens acovardados presos em casamentos heterossexuais infelizes, passei a admirador de homens que lutaram por sua felicidade, pela felicidade de seus filhos. Fiquei permanentemente marcado por suas emoções, por sua coragem.

Com eles e com suas histórias, aprendi mais sobre mim mesmo, sobre relacionamentos, sobre filhos, sobre aceitação, sobre mulheres. Aprendi mais sobre coragem.

No começo de 2015, tive a ideia de organizar este livro de depoimentos, contando histórias de vida desses homens – não porque sejam únicas ou permeadas de êxito, mas porque refletem a trajetória de homens comuns, com vidas comuns e com sucessos que podem